



WUNSCH
Nova série
Número 5
Março 2006

O passe, continuação

Boletim internacional da
Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

Editorial

Wunsch 5 é o primeiro número publicado desde o Encontro de julho 2006 e a permutação das instâncias internacionais – Colegiado Internacional da Garantia e Colegiado Internacional da Opção Epistêmica.

Na ocasião da Assembléia do Encontro de julho passado, pudemos avaliar as expectativas em torno do passe, particularmente em relação às produções epistêmicas dos cartéis. Na retomada de nossas atividades, este assunto foi objeto de uma discussão entre os membros da CIG 2004-2006 que se encontravam no fim de seus mandatos. Da falta de elaboração dos cartéis do passe dão-se conta até mesmo os próprios membros desses cartéis, e idéias não faltaram para precisar suas razões e tentar modificar esse estado de coisas. Comprovou-se então a necessidade de uma reunião para precisar a situação, e foi assim que no fim de janeiro as três CIG – as duas que haviam funcionado até então e a recém-eleita – encontraram-se em Paris para um amplo debate. Seu relatório foi redigido por Luís Izovich, Secretário da nova CIG para a Europa e divulgado em nossa lista internacional no dia 6 de fevereiro.

Lembremos que certos pontos do funcionamento do dispositivo tornaram-se mais precisos, e, sobretudo, que certo número de decisões foram tomadas, em particular a realização de uma **Jornada européia sobre o passe**, organizada pelas três CIG cujo tema será: “**O passe? Penso nisso, mas...**”, tendo como subtítulo: O ato de apresentar-se para o passe.

Essa jornada será em Paris, no dia 6 de outubro de 2007. Sua comissão organizadora é composta de membros das três CIG presentes na reunião: Sol Aparício e Colette Soler pela França, Rithée Cevasco e Lola Lopez pela Espanha, e Fulvio Marone pela Itália.

Enquanto esperamos 6 de outubro, vamos encontrar neste número de Wunsch as primeiras contribuições a duas questões que abasteceram amplamente as reflexões durante essa reunião: a articulação entre o passe e o fim da análise e a articulação entre as duas garantias, AME e AE. Também encontraremos textos sobre o passe e seu procedimento assim como o anúncio da abertura em Paris do CAPA, o das jornadas da EPFCL-França em Paris em dezembro e o do Encontro Internacional de 2008 em São Paulo.

Marc Strauss
Responsável por este nº 5

Participaram neste número:
Sol Aparício (França); Patrick Barillot (França); Ana Canedo (Espanha); Dominique Fingermann

(Brasil); Silvia Fontes Franco (Brasil); Maria Teresa Maiocchi (Itália); Clotilde Pascual (Espanha).

Depois da reunião das CIG

Tempos distintos

Sol Aparício (Paris, França)

A Comissão Internacional da Garantia, tal como seu nome indica, têm a seu cargo a delicada tarefa da garantia na nossa Escola, sob as duas formas nas quais Lacan encarnou os títulos de AE e AME.

Lembremos, em primeiro lugar que tal como Lacan a concebeu, a garantia na Escola nunca é objeto de uma demanda. A escola a outorga ao AME porque “o reconhece como um psicanalista que deu suas provas”.

Ao AE também, mas de maneira diferente posto que ao ter ele solicitado dar testemunho de sua passagem a analista, a Escola “lhe imputa ser daqueles que podem dar testemunho dos problemas cruciais nos pontos em que estão para a análise”. Trata-se como sabemos, de apostar no desejo de quem está “no ensejo” de resolver esses problemas, de acordo com o que está escrito na “Proposição de 67”. E é por isso que se pode dizer que é ele quem garante a Escola.

Há, portanto, certa contradição ao considerar que um AME poderá apresentar-se ao passe. Em princípio, para o AME o passe já passou, “a passagem de psicanalisante a psicanalista” já teve seu lugar. Se Lacan pôde, em certo momento evocar a possibilidade de um AME ser nomeado AE, foi com a idéia de que ao ter acesso, um dos seus analisantes, a qualificação de AE, ficava então ele mesmo autorizado como Analista da Escola.

“O analista só se autoriza a si mesmo”. É por isso que Lacan pode dizer que “pouco importa a garantia que minha Escola lhe dê sem dúvida sob a irônica cifra de A.M.E.[1]. Não é com isso que ele opera”. Eis aqui um critério que nossas CIG poderiam levar em conta para as decisões que são de sua incumbência se queremos “velar” para que “não se autorize a si mesmo senão o analista”, como Lacan, havia convidado o grupo italiano a fazê-lo.

Na EPFCL, os AME designam os passadores. O passador está no passe. Poder designar um passador supõe assim necessariamente ter certo número de anos na prática analítica, haver conduzido curas analíticas até esse ponto de viragem da posição do analisante.

Se a designação do passador for feliz, pode-se supor que este dará logo o passo de se apresentar ao passe. Pode ser que este passador seja “praticante”. São muitos os que efetivamente, iniciam uma prática antes do fim da sua análise. Isto não quer dizer que o passo ao psicanalista tenha-se operado: “Pois finalmente uma porta há de estar aberta ou fechada, assim se está na via psicanalisante ou no ato psicanalítico. As vias podem alternar-se, tal como uma porta bate, mas a via psicanalisante não se aplica ao ato psicanalítico, cuja lógica é a do que vem em continuação”.

Disso deduzo que o passador-praticante está, como o psicanalisante em um tempo prévio àquele em que, como psicanalista poderá “dar suas provas”

Pode haver colegas aos quais a Escola já concedeu o título de AME que, por ventura, por algum desvio de suas aventuras, ou talvez por haver retomado “o bastão do psicanalisante”, seja animado pelo desejo de dar testemunho do modo como foi para eles a passagem. Folgo em dizer que sua contribuição será bem-vinda. Mas, não é neles que Lacan pensava ao inventar o dispositivo deste passe “fino como um cabelo”, fundado somente na crença no inconsciente e capaz de “anunciar uma aurora”.

E por isso que nas discussões tidas com os meus colegas da CIG tenho defendido a idéia de que seria talvez conveniente ter cautela na hora de reconhecer como AME aqueles cuja passagem ainda recente á prática analítica, pode aguardar por um testemunho relativo á sua passagem a analista.

Tradução de Ester Gelman.

O passe não é o fim

Patrick Barillot (Paris, França)

“O passe não é o fim”, este foi o comentário que o cartel do passe me endereçou junto com a notícia da minha nomeação de AE. Ele vinha responder, assim, às interrogações que eram minhas neste momento da análise. De fato, tendo me engajado no dispositivo do passe sem haver terminado a análise, eu me perguntava, por antecipação, como iria lidar com a decisão do cartel, fosse ela positiva ou negativa, em relação à questão do fim da análise.

Na época, eu me debatia, de forma bastante confusa, com a idéia de que o passe, autenticado pelo cartel, pudesse sancionar o fim da análise. Esta aproximação não era especificamente minha, já que esta tese circulava em nossa comunidade e eu penso que ela circula ainda hoje e que o discurso que poderia desmenti-la é bastante frágil. Ao mesmo tempo, eu calculava o risco real de um fim prematuro de tratamento que comportaria uma nomeação no curso de uma análise.

A fim de desfazer esta problemática e evitar o perigo de uma saída antes do término, pelo simples fato do anúncio, eu esboçava uma solução tentando responder à questão do fim antes da resposta do cartel sobre o passe. A aposta era a de chegar a dissociar estes dois momentos da análise, não situando um como tributário do outro, o que o cartel do passe veio reafirmar em sua mensagem.

Não me parece inútil fazer menção a essas reflexões e endereçá-las àqueles que, como analisantes, desejariam submeter-se ao dispositivo do passe. Isso poderia, talvez, evitar que eles se debatessem com esta questão do momento do passe em sua relação ao final de análise que um tropismo próprio ao discurso sobre o passe leva a sobrepor. De fato, esta tendência a considerar o momento do passe como a assinatura do fim da análise atravessa um bom número de propostas sobre o tema. Além disso, não se pode impedir de supor que possa ser encontrada, muito naturalmente, no seio dos cartéis que decidem a nomeação. O perigo sendo, então, o de recusar um passante em razão de não ter finalizado a análise.

Sobre esse ponto preciso da disjunção do passe e do fim, numerosas são as referências de Lacan onde são claramente distinguidos esses dois tempos da análise. Aqui não é o lugar de desenvolvê-las, tendo sido feito em outro lugar. No entanto, citarei apenas uma, raramente evocada, porque contém uma indicação precisa do momento em que Lacan esperava que o analisante, na análise, viesse testemunhar o passe. Esta referência está na lição preliminar do seminário RSI de 19 de novembro de 1974. Ela se situa em um parágrafo onde Lacan citava suas dificuldades para tornar tangível o passe em sua Escola, na qual lhe parece estranho “que seja de alguns, propriamente falando, que ainda não se encontram no ponto de autorizar-se pela análise, mas que estão a caminho, que venha esta resistência a isso que os estimulo”.

Ele precisa, em seguida, que estimula esses analistas – que não praticam ainda a análise, que não se dizem analistas, mas que estão prestes a se tornarem – a testemunhar o ponto onde estão, para tornar efetivo o passe em sua Escola. Acrescenta que este ponto específico é o da entrada no discurso analítico e que o testemunho deveria trazer como aí se entra. Neste momento tomamos uma maneira de definir o passe como a entrada no discurso analítico. Assim definido e situado na temporalidade da análise, o momento do passe não pode se confundir com o momento do fim.

Se esta observação é capital para os cartéis do passe no estabelecimento de critérios de nomeação, não o é menos para os analisantes tentados pela experiência do passe.

Esses últimos – na falta de terem, claramente, no espírito, esta disjunção e, considerando o passe como a avaliação de um fim de análise cumprida – arriscam recuar de sua decisão de entrar no dispositivo no momento em que terão, enfim, a porta de saída da análise impulsionada. O risco não é tanto no adiamento da decisão, que, neste caso, só faria deslocar no tempo o testemunho, mas no abandono, pura e simplesmente, da veleidade do início por uma espécie de fracasso do momento mais propício ao testemunho. Aqui eu formulo uma hipótese que submeto à discussão dos mais experientes: nem todos os momentos da análise valem para testemunhar. E, da mesma maneira que antes da hora não é a hora, e que após a hora não é mais, eu me pergunto se o adiamento, pelos analisantes, da decisão a se engajarem no testemunho, à espera do fim da análise, não os afastaria irresistivelmente do momento mais favorável para virem atestar o seu passe.

Tradução de Sonia Campos Magalhães.

Do deserto ao des-ser

Maria Teresa Maiocchi (Milão, Itália)

É o passe homólogo ao fim da análise? Que articulação é possível entre as duas garantias, AE e AME?

“Nesse des-ser revela-se o inessencial do sujeito suposto saber, donde o futuro psicanalista entrega-se ao agalma da essência do desejo, disposto a pagar por ele em se reduzindo, ele e seu nome, ao significante qualquer.

Porque ele rejeitou o ser que não sabia a causa de sua fantasia no exato momento em que, finalmente, esse saber suposto, ele passa a sê-lo.”

J. LACAN, *Proposição de 9 de outubro de*

1967.

“Naturalmente, esse saber ainda nem foi para o forno. Porque é preciso inventá-lo.”

J. LACAN, *Nota italiana, 1973*

O neologismo lacaniano *des-ser*[2] sempre me surpreendeu, inclusive por sua qualidade de anagrama em relação a "deserto". Se “o exílio ao deserto de gozo” [1] é um nome da estrutura enquanto transponível, que lugar toma aí o desejo de ser – *des-ser* –, suporte da operação? Um lugar complementar ou efetivamente suplementar?

O *deserto* do fim dos anos 60, o *exílio* da relação sexual de *Mais, ainda...* É possível – esse esvaziamento – ser traduzido em termos de *destituição subjetiva*? Esse conceito me parece formar quase um hapax no texto lacaniano, forte nos escritos em torno do passe, final de 67, e ainda mais interessante porque parece condensar em sua forma (mesmo etimologicamente) o que vai perder um lugar enquanto instituído *pele* Outro [2] (evidente no laço de *de-stituere* com *stare*, em que é forma *causativa*). O declínio desse *statuere* é o declínio do Outro enquanto garantia do lugar do sujeito. Aliás, mesmo *deserto* – do latim *deserere* – fala de um abandono, de um esvaziamento, que tem a ver com a *série*, a *grinalda* (*serto* em italiano), e o *sermão*, assim como a *sorte*, do tema indoeuropeu de SER, *alinhar*, *trançar* : o que cessa de ser entrelaçado, trançado, que suporta, portanto, a cessação, o corte, o descarte de uma ordem colocada por uma primitiva função humanizante, operada por uma mão ordenadora (*serere* enquanto que *alinhar*, *dispor*, *amarrar*), portanto o que vem des-situado de uma ordem propriamente humana, regressão tópica a um momento no qual a ordem, a distinção, a sucessão regrada, continuidade-descontinuidade-intervalo, foi instituída pela boa disposição do Outro, seu campo. Inacreditável o que pode engajar a simples marca de uma linha como diferencial! Ver a esteia hipergeométrica de *Odisséia 2001*. Mesmo a Bíblia (Isaias, 62,4) atribui essa desertificação ao que não mais se terá a dizer da bela esposa, Jerusalém, que nunca mais será dita *azuvah*, *abandonada*, palavra empregada também como sinônimo de *deserto*, de *vazio*, emprestada provavelmente do assírio *ezevu* – cessar, abandonar - ou do árabe *azaba*, que significa diretamente *terra deserta*. Será o signo – desta vez – de que a trama potente de Deus ordenará e trançará na *eskaton* o inesperado do mau encontro. *Azav* está para religar mesmo as últimas palavras de Cristo sobre a cruz: neste caso, é diretamente o Pai que provoca esse *abandono*, essa destituição radical, esse fora do comum.

Ponto limite da experiência, destituição, deserto, esvaziamento, é o Outro que retira o espelho de seus olhos jorantes de gozos. Esse deserto do Outro marca um limite da experiência que se encontra, às vezes, de veia, por assim dizer, em certas experiências da arte, por exemplo. Mas a análise é o único discurso que traz esse abandono a seu justo limite. “O psicanalisante – nos diz Lacan, seguindo passagens que me parecem sempre de uma complexidade particular – é aquele que chega a *realizar como alienação o seu* «eu penso», isto é, a *descobrir* a fantasia como motor da realidade psíquica, a do sujeito dividido” [3] E também: “É por isso que digo que é no (–φ) ou neste (a) que aparece seu ser. O ser do agalma, do sujeito suposto saber, acaba o processo do psicanalisante em uma destituição subjetiva. [4]

E então, fim ? Fim da transferência, análise a termo, travessia do deserto cumprida...? “Bem-vindo ao deserto do real”, diz um Morfeu muito lacaniano. Escolher a pílula, essa *analytically correct*, e hop ...! Os jogos são fatos? É aí que o desejo do psicanalista se amarra? Parece-me, ao contrário, que a

Proposição e mesmo as conferências “italianas”, que a seguem de alguns dias, quando se vê bem, estão centradas exatamente sobre a questão que coloca à instituição como tal, uma contingência originária do ato que propriamente separa as duas dimensões: o fim, onde o sujeito se encontra destituído, desertificado em sua relação à fantasia ... e esta aposta, passagem particular e inconcebível, que se chama *desejo do analista*, desejo estranho, que, – a um “momento original” da experiência –, visa a um des-ser: “É o momento mesmo de saber se na destituição do sujeito o desejo *advém* que permite ocupar o lugar do des-ser, justamente por querer operar *de novo*, o que implica separação (com a ambiguidade do *se parere* ...) o agalma.”[5] E em um momento mais tarde, sempre no outono de 67, “O analista, portanto, deve saber que, longe de ser a medida da realidade, ele só faculta ao sujeito sua verdade ao se oferecer, ele mesmo, como suporte do des-ser graças ao qual esse sujeito subsiste numa realidade alienada, sem nem por isso ser incapaz de se pensar como dividido, do que o analista é propriamente a causa”. [6] De resto, são muitas as observações como esta, nesta virada crucial .

Verificar esta passagem a analista vem de um “testemunho *eventual*” e o dispositivo é a oferta “de um giro a mais na dobradura que nos permite engendrar aí o desejo do psicanalista” [7] *Suplemento* eu disse no início. Algo *ad-vém*, se acrescenta, *ex novo*. Mas o que vai muito além dessa espécie de destituição à maneira de Freud, muito pouco ...consistente, esse *neue Zustand* onde Freud fala a respeito da “diferença essencial entre o homem analisado e o não analisado” (1937).

Em um certo sentido – nos textos lacanianos que cotejamos para nos referir sobre este ponto – é o deserto da destituição que, paradoxalmente, coloca o problema, pois este ponto crucial não suporta em si a passagem, não é por esta condição – necessária, mas não suficiente – que se obtém, *neste mesmo lugar*, o peixe do desejo inédito. É daí que é preciso o *testemunho* e um congênere. A estrutura não o implica, ainda que possa dar lugar em $S(A)$. Vê-se muito bem na *Nota italiana*, segundo um certo viés polêmico: “Articulo agora as coisas para as pessoas que me ouvem. Existe o objeto (*a*). Ele *existe* agora, por eu o haver construído. Suponho que se conheçam suas quatro substâncias episódicas, que se saiba para que ele serve, por se envolver da pulsão pela qual cada um se mira no coração e só chega lá com um tiro que erra o alvo. Isso serve de esteio às realizações mais eficazes, bem como às realidades mais cativantes. Se isso é fruto da análise, devolvam o referido sujeito a seus diletos estudos. Ele enfeitará com uns bibelôs suplementares o patrimônio que se supõe provocar o bom humor de Deus. [...] Que ele não se autorize ser analista, porque nunca terá tempo de contribuir para o saber, sem o que não há chance de que a análise continue a dar dividendos no mercado...” [8] Vou concluir sublinhando uma passagem do *Discurso na Escola freudiana de Paris*, relativo às reações à *Proposição*, nem todas entusiásticas ...: “O que ele não pode poupar-lhe é o des-ser com que ele é afetado como término a ser atribuído a cada psicanálise, e que me espanta reencontrar em tantas bocas desde minha proposição, como que atribuindo àquele que inflige o golpe, por estar, no passe, conotando unicamente uma destituição subjetiva: o psicanalisante.[...] aquilo de que se trata é de fazer com que se entenda que não é ela que faz des-ser, antes ser, singularmente e forte.” [9]

Coloco, portanto, uma questão quanto a esta superposição imediatamente evidente, que me parece sintomática, e que parece proteger – podemos encontrá-la no final do mesmo texto – do horror do ato que faz nossa *‘desêtrificação’*[3], se assim posso dizer. Como pensar nossa prática da Escola, podendo contar somente com o fato de que, para cada um, vale este “impossível de intercambiar”[10], que “Psicanalista, eu o des-sou”... Ou seja, o que a torna *tal e qual*, é um impossível *em exercício* ?

[1] LACAN, J. A psicanálise em suas relações com a realidade in *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003, pág.357.

[2]O *Trésor* coloca dois exemplos significativos de “destituir”: uma passagem de *La femme pauvre* de Léon Bloy: “A profissão de modelo, [...] destitui a mulher, completamente, e a exila de sua personalidade, para relegá-la nos limbos da mais tenebrosa inconsciência”. E uma outra de Claudel (*7e jour*) : “Eu vos rendo graças, ó céu, porque acolhestes minha prece, eu que sou, tal como um órfão e um homem destituído”.

[3] A psicanálise em suas relações com a realidade, in *Outros escritos*, op.cit., p. 358.

[4]LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967, in *Outros escritos*, op.cit.

[5] *Ibid.*

[6]LACAN, J. A psicanálise em suas relações com a realidade, op.cit., pag. 59.

[7]LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967, in *Outros escritos*, op.cit.

[8]LACAN, J. Nota italiana (1973), in *Outros Escritos*,op.cit., pag. 314.

[9]LACAN, J. Discurso na Escola freudiana de Paris, in *Outros Escritos*, op.cit.,pag. 278.

[10]LACAN, J. A psicanálise em suas relações com a realidade, op.cit., pag. 358.

O Passe ainda

“Experiência em um Cartel do passe”

Ana Canedo (Barcelona, Espanha)

A experiência em um Cartel do passe serviu como ocasião para refletir sobre a especificidade do tempo lógico assinalado por Lacan, em especial sobre a particularidade do juízo íntimo de cada participante que se desprende assim do trabalho coletivo.

Após o instante de ver, o tempo para compreender teve lugar no debate posterior a escuta do testemunho – de um sujeito feminino – apresentado pelos passadores. Aparecia de um modo vivo e rico na discussão a espera antecipada que atravessa o material da demonstração da lógica do final de análise realizada pelo passante. Poderíamos dizer brevemente que o cartel adquire relevância realizando “sua” própria demonstração; a conclusão é o produto do trabalho coletivo, apoiando-se em vários pontos, alguns dos quais posso recordar aqui de forma sucinta:

- A entrada em análise a partir de uma intervenção do analista.
- A identificação a um traço – que o sujeito *interpreta* – do pai; os efeitos do peso da alienação na contingência dos acontecimentos.
- O atravessamento do fantasma em seqüências detalhadas onde aparece a leitura estereotipada de um mandato materno sob a forma de um “serás assim...” para assegurar que se é a causa do desejo do Outro. Elaboração precisa em uma frase inaugural que assinala algo assim como um destino ignorado pelo sujeito. As conseqüências de mal estar, fracasso, gozo na vida do sujeito.
- A queda do objeto olhar libera disposições libidinais encapsuladas no sintoma, abrindo-se a possibilidade de novos papeis, a partir de um posicionamento inédito.
- O passe clínico no interior do dispositivo analítico; a virada na elaboração do saber se articula em sua dimensão ética; os efeitos terapêuticos, o sujeito se responsabiliza por seu gozo.
- O final de análise conotado pelo desprendimento escalonado da libido analisante, em uma série de sonhos onde se vislumbra algo da experiência do vazio no saber; espreitar algo do real, do impossível de dizer, ao mesmo tempo a fronteira de ir mais além na análise. Suas conseqüências na praxis da clínica e a elaboração teórica da psicanálise.

O Cartel em seu conjunto chega a seu momento de concluir em forma coletiva, emite seu juízo decidindo a nomeação de AE.

Por outro lado é interessante observar o ponto de certeza subjetiva do momento de concluir; o ponto de apoio particular segundo a singularidade de cada participante. A experiência do momento de concluir difere do tempo de compreender; se torna necessário para cada um o ponto de certeza que assegura para si mesmo, a detenção do processo de elaboração, que, a partir daí, não tem mais volta.

Dessa maneira, em direção ao final do trabalho conjunto, o recorte de uma recordação da infância se destaca para mim, com efeitos de surpresa que *toca* algo do objeto na certeza; a afirmação aparecia ao mesmo tempo que sua demonstração.

É a cena de uma construção fantasmática da neurose infantil sobre o enigma da origem das crianças que se une a algumas palavras do pai. Poderíamos dizer que é uma interpretação onde o sujeito feminino se coloca como desejante de um modo inaugural.

Em seguida a verificação dos significantes presentes, de maneira discreta, da novela familiar no testemunho do passante.

Pode-se articular um sonho ao final de análise sobre a mesma cena; nesta seqüência o sujeito já não escuta as palavras do analista e na moldura da janela aparece o vazio na dimensão da noite, matizada pelo céu estrelado. O vazio ali onde a princípio tinha havido uma plenitude de significação.

Assim, a verificação subjetiva se agrega – para cada um – de forma separada, a elaboração obtida com

os outros no trabalho de Cartel.

Para finalizar, recordar que “a verdade para todos depende do rigor de cada um” e seu anverso: se bem que nesse caminho para vislumbrar algo do saber sobre a verdade se está sozinho, “ninguém o *toca* senão pelos outros”.

Tradução de Guilherme Mola

Sobre a experiência do passe

Silvia Fontes Franco (São Paulo - Brasil)

É a partir do que foi para mim, enquanto passadora, esta intensa experiência no dispositivo do passe, que escrevo estas linhas, as quais não esgotam seus efeitos.

Lacan, em sua genialidade cria um dispositivo inédito: o passe que desde o início teve conseqüências na comunidade analítica, provocando ondas ao subverter a formação do analista fundada, até então, numa tentativa de “tapeação do real”. Sendo próprio do real “provocar seu desconhecimento, quando não produz sua negação sistemática”, Lacan coloca o dispositivo do passe “no âmbito da escola”, envolvendo um número expressivo de pessoas da comunidade analítica que podem, e esta é a melhor das hipóteses, ir ao encontro desse real em jogo na formação do analista.

O tema de uma apresentação de Sílmia Sobreira sobre o passe em São Paulo talvez resuma a importância do dispositivo do passe para a comunidade de Escola: “Algo passa no passe necessariamente”[4]. É nesse sentido que foi um feliz encontro ler no Wunsch 4, o que diz Colette Soler : “que, em matéria de passe, os dispositivos não são tudo, são somente um meio [...] e que a maior finalidade do passe não é a de funcionamento, tampouco de seleção de novos AE, mas diz respeito às conseqüências propriamente analíticas desse passe para a comunidade de Escola”.[5]

Em nossa Escola, na EPFCL, cabe ao AME designar, entre seus psicanalisandos, os passadores, sem pedir-lhes o consentimento para tal designação que não é em absoluto uma nomeação nem um “ato instituidor”. Eu diria, ao contrário, que é um ato que, como todo ato analítico descompleta o saber do psicanalisando, apontando ao mesmo tempo para a destituição, para a saída do sentido e para o sentido/direção da saída.

Ao me perguntar sobre o que causou o efeito de surpresa que envolveu a notícia da minha designação como passador, o que ficou esclarecido foi o lugar em que o sujeito se colocava na relação transferencial. O que o sujeito espera na relação transferencial até o “termo” dessa relação, até a “conclusão de impossibilidade”, “é um complemento de ser, para satisfazer o sujeito como falta a ser” - expressão de Antonio Quinet. A surpresa é, pois, um acontecimento que não está previsto. Algo da ordem: “O analista não entendeu nada!”. O sujeito aguarda o complemento, e o ato descompleta.

Ao consentir em participar desse dispositivo, deparei-me com os vários momentos que envolvem este trabalho: as entrevistas com o passante, a elaboração do que foi escutado, o encontro com o cartel do passe e o depois. Em todos esses momentos de trabalho solitário, a única “garantia” era apostar no que só a análise pode fazer suportar, ou seja, como nos ensina Lacan que “o não-sabido se ordene como moldura do saber”. A partir dessa aposta, num certo consentimento ao limite, a função do passador, que não é nada simples, se torna possível.

Mas o que é essa função/posição do passador no passe?

Penso que o que quer que possa ser dito sobre a função do passador, todas as declinações possíveis sobre essa função só encontram sustentação, ancoramento, a partir desses dois operadores: “a destituição subjetiva” e “o não saber”. É então a partir de onde se sustenta, mesmo sem saber, que será possível ao passador não contaminar o dispositivo, seja com sua idéia sobre o final de análise, seja com sua fantasia, com suas convicções, e não responder do lugar da transferência, caso ela surja no testemunho do passante.

Lacan chama esse não saber de “saber destituído” que não sendo ainda sabido, nem por isso é menos articulado. Bernard Nominé, ao se interrogar sobre a natureza daquilo que passa (no passe), comenta: “O que passa é sem dúvida mais da ordem do não sabido, algo que nem por isso é menos articulado logicamente, é não sabido colocado em perspectiva e ordenando com isso os significantes da história do sujeito. Esse não sabido deixa um lugar vazio no qual cada um (passante, passador e membros do cartel) pode alojar seu trabalho e participar na elaboração coletiva de um saber”[6]

No momento do passe, trata-se de verificar a passagem de psicanalizando a psicanalista, mas o que se extrai de um dispositivo, em seus efeitos - nunca é demais insistir -, vai muito além deste ponto, vai muito além da nomeação ou da não-nomeação. Entendo que seja por isso que Lacan propõe, para o dispositivo do passe, a estrutura de um cartel, o que aponta para o *status* particular do saber na psicanálise, para a possibilidade de elaboração desse saber e a exposição dos resultados para a Escola.

Passe e resto sintomático

Clotilde Pascual (Barcelona, Espanha)

Neste trabalho, produto de um cartel, trata-se de poder investigar sobre a experiência do passe e sobre o que se obtém através desse dispositivo. Sabemos que o passe clínico é a forma de produção do analista como posição subjetiva que dá lugar ao desejo do analista e do qual, na elaboração no dispositivo do passe, podem-se extrair conseqüências para a condução da análise e seus resultados.

O resto sintomático é um desses resultados que se podem extrair nos testemunhos do dispositivo do passe, trabalhado como produto do final de análise e nomeado de várias maneiras nesses testemunhos : saída do sintoma, destino do sintoma, destino particular da pulsão, construção de um saber como invenção, incurável, letra de gozo, etc.

Para começar, direi que se entende por resto sintomático a singularidade sintomática da qual goza cada sujeito ao final de sua análise.

Este conceito é conhecido desde Lacan como identificação ao sintoma. Pode ser lido na aula de 16 de novembro de 1976 de seu seminário *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*.

Este conceito complementa o de travessia da fantasia trazido por Lacan em 1967 no texto “Proposição sobre o psicanalista da Escola”.

Lacan diz nessa aula que o final de análise é algo da ordem de uma identificação, não ao eu do analista nem ao inconsciente, mas uma identificação ao sintoma. Ele o diz textualmente: “Saber se virar com seu sintoma”, isso é o final da análise.

Se desdobrarmos um pouco mais a leitura dessas páginas, veremos que ele contrapõe esta identificação ao sintoma à identificação ao analista. Ele diz: “A questão da identificação suscita muito interesse porque resultaria de algumas propostas que o fim da análise seria identificar-se ao analista. Não penso assim, isso é o que sustenta Balint, e é muito surpreendente.

A que pode alguém identificar-se ao final da análise? A seu inconsciente? Não o creio, porque o inconsciente permanece, permanece o Outro. Em que consistiria? Seria o não identificar-se, ainda que tomando uma distância em relação a seu sintoma?”

Mais adiante, ele diz: “saber se virar com seu sintoma é o final da análise, e é necessário reconhecer que é um pouco enxuto. Como se pratica? Esforcei-me para veicular isso, não sei com que resultados”.

Com efeito, a Lacan parecia difícil demonstrar como se produz esse final, e se pode dizer que já desde a fundação da EFP ele tentou uma concepção do final da análise para o que instituiu depois o dispositivo do passe

Vejamos os dois momentos em relação ao final da análise que Lacan nos apresentou:

D) Um primeiro momento foi a “Proposição de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. Lacan dizia que toda análise termina por tropeçar numa resistência irreduzível que se pode atualizar como um impasse da estrutura, como um fracasso da relação sexual.

Os freudianos resolvem essa questão com a pulsão genital, como a que deve dominar ao final da análise e daí concluem que essa resistência (em outros termos, o impossível da relação sexual) se compensa por uma relação de objeto genital madura.

Lacan não o teoriza assim, mas com o conceito de objeto *a*, causa de desejo, que é o que constitui suplência à relação sexual que não existe e que dá ao sujeito neurótico uma consistência. É um tampão à angústia de confrontar-se com o real e se localiza na fantasia.

Na elaboração de 1967, o passe clínico consiste na separação do analisante desse objeto *a*, objeto que encarna o analista na análise. Produz-se uma separação em relação ao analista e ao objeto, ocorrendo também a liquidação da transferência. Tanto essa liquidação da transferência como a separação são concebidas teoricamente sem resto sintomático.

Nesse texto, uma vez realizadas essas operações, o analisante torna-se analista pela constituição de um desejo inédito, desejo do analista que é o de criar a diferença particular, absoluta, em seus próprios analisantes. Tratar-se-ia de levá-los a um saber que tenha como resultado a queda desse tampão fantasístico, que era o objeto *a*, e a liquidação da transferência.

A separação ao final da análise assim teorizada pode ser entendida em três tempos.

Isso é comum em todos os testemunhos lidos e trabalhados, e se pode dizer que todos fazem finca-pé em tratar esse objeto como uma produção da análise e como pertencendo ao analisante.

II) A identificação ao sintoma: Essa teoria abordada por Lacan em 1976 permite avançar mais em relação aos problemas não resolvidos pela teoria do passe em 1967. Ao contrário da de 1967, a de 1976 supõe que ao final da análise, o resto de gozo fica ligado ao núcleo do sintoma, e Lacan separa o conceito de passe clínico com a produção do desejo do analista e a travessia da fantasia do que é o final da análise com a identificação ao sintoma.

Para compreender esse conceito, vejamos o sintoma em suas três acepções:

O sintoma antes da entrada em análise: o sintoma neurótico que revela ao sujeito sua insatisfação em relação ao desejo e ao gozo sexual.

O sintoma que se refere ao produzido por efeito da demanda dirigida ao Outro analista na transferência é o sintoma analítico. O trabalho na análise consistirá em articular este sintoma com a fantasia e com o gozo do objeto *a* que tampona a angústia.

Por último, temos o que C. Soler, em seu artigo “Os fins próprios do ato analítico”, denomina a operação contra o sintoma, e nisso segue a idéia de Lacan de 1976 e o formula assim: trata-se de desfazer este sintoma analítico.

É o que Lacan comenta no Seminário RSI a respeito de uma transformação do sintoma como signo, como metáfora do sujeito em sintoma como nome que dá um título ou uma definição ao que é gozo do sujeito no final da análise.

Podem-se desdobrar essas questões no ensino de Lacan tal como aborda a Identificação com o sintoma através de sua relação com a letra.

a- Em 1953-1954, em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, Lacan define o sintoma como metáfora.

b- Em 1974-1975, no Seminário RSI, e em 1975-1976, no Sinthoma, é onde tratará do sintoma como escrita do real e de onde vai extrair a Identificação com o sintoma que tratará depois em “L’une bévue”, em 1976.

Em RSI, além de tratar dos registros do Real, Simbólico e Imaginário, Lacan diz que esses três registros estão enodados como nó borromeano por uma quarta argola que faz equivaler ao que Freud chamava a realidade psíquica ou o Édipo. Lacan designa esta quarta argola como o Pai que nomeia. Não é o Nome do Pai da metáfora paterna. É quando Lacan diz que se pode prescindir do Pai desde que se tenha servido bem da nomeação da função do Pai.

c- É nesse Seminário que Lacan se serve da escrita para dizer que a função do sintoma $f(x)$ é o que do Inconsciente pode traduzir-se por uma letra. Devemos entender não só a letra em sua materialidade significante de 1953, mas a letra em sua marca de gozo. É um efeito do discurso como escrita onde se articulam o significante e a substância gozante. Assim, com sua função do sintoma traduzido por uma

letra, o sintoma é escrita, é o que não pára de escrever-se. É o particular de cada sujeito, a forma como cada um goza de seu inconsciente. A letra é a unidade elemento que pode escrever não importa qual significante enquanto Um que goza do Inconsciente, que não faz dois. A letra é uma singularidade. Produz a operação de escrita do sintoma em sua função de repetição.

d- Em 1975-1976, no Seminário *O Sinthoma*, é através do encontro com a escrita de Joyce que Lacan mostra o uso da letra sem a significação. Essa escrita designa uma suplência à ausência do Pai que nomeia, e em seu lugar está o Sinthoma enodando os três registros R.I.S.

É nesse mesmo Seminário, em relação ao tema que nos ocupa, que designa também com esse termo de sinthoma o resto sintomático do neurótico ao final da análise, quando o saber sobre o sintoma foi decifrado e se esvaziado o mais possível do gozo e de significação. Poder-se-ia dizer que é o sintoma como uma escrita do real que mostra a letra como marca do gozo sem a significação ou o sentido que, englobada no significante, lhe dava o sujeito. Trata-se de forçar o sintoma a responder não só ao sentido de uma decifração como ao sem sentido, ao real. É o que constitui o Nome próprio do gozo do sujeito.

Por último, vou tratar de algumas perguntas que este tema me suscita:

1- Como fazer vínculo entre sujeitos que chegaram a esse tipo de final de análise, com a singularidade de seu gozo sintomático, em uma instituição analítica? Se é um resto de sintoma que não se dirige a ninguém, uma vez que se esvaziou de sentido, que não se sustenta no Outro, como fazer elemento de união?

2- Será pela causa comum, a transmissão da psicanálise, que se pode produzir esse elemento de união? Contudo, como fazer para que essa causa não se converta em um Ideal que venha a cegar o sujeito e a não levar em conta os outros discursos?

3- Não haveria o perigo de que esse resto de gozo, ao qual o sujeito se fixa, converta-se em algo a partir do qual operar nas análises, semelhante ao operar com sua Fantasia Fundamental? No que será diferente? Em que pode influir na condução das análises e na vida institucional das Escolas ou as instituições analíticas?

Barcelona, 23 de janeiro de 2007.

Tradução: Sílmia Sobreira

QUINTO ENCONTRO INTERNACIONAL dos Fóruns e da Escola de psicanálise do campo lacaniano

OS TEMPOS DO SUJEITO DO INCONSCIENTE

A psicanálise no seu tempo
e o tempo na psicanálise

V Encontro da IF-EPFCL

São Paulo – Brasil

5-6 de julho de 2008

“A psicanálise só dará fundamentos científicos à sua teoria, e à sua técnica, ao formalizar adequadamente as dimensões essenciais de sua experiência que são juntamente com a teoria histórica do símbolo: a lógica intersubjetiva e a temporalidade do sujeito”.[7] Jacques Lacan

Com Lacan, orientamos a psicanálise que sustentamos na atualidade, segundo uma lógica temporal coerente com a temporalidade do sujeito do inconsciente.

O V Encontro Internacional da IF-EPFCL propõe um tema de trabalho desdobrado em três eixos inter-dependentes. Com efeito, o tempo *na* psicanálise decorre *dos tempos* do sujeito do inconsciente e, de seu manejo depende a efetividade da psicanálise *no seu tempo*.

Os tempos do sujeito do inconsciente:

Há o tempo que passa:

O tempo passa, é claro, irreversível, segundo a sucessão do antes ao depois, da vida à morte.

Para o sujeito do inconsciente, todavia, desde sua constituição pelo significante, o presente se passa na antecipação de um futuro marcado por aquilo que do passado não é mais: um “pode ser” delinea-se a partir de um “poderia ter sido”. *Wo es war soll Ich werden*. Este tempo é escandido por momentos cruciais de báscula, marcando o corpo na hora da castração.

E há um tempo que não passa: a a-temporalidade, que justifica a indestrutibilidade do desejo, como dizia Freud. Neste tempo, pode ocorrer uma outra lógica que não aquela do Cronos: a do momento oportuno, o Kairos.

A fita de Moebius que ostenta nosso cartaz – em dois tempos, três movimentos - mostra esta dupla temporalidade do sujeito do inconsciente. Com efeito: *“Em qualquer ponto em que se esteja dessa suposta viagem, a estrutura, isto é, a relação com um certo saber, a estrutura não larga disso. E este desejo é estritamente, durante a vida inteira, sempre o mesmo... esse famoso desejo indestrutível que passeia sobre a linha da viagem”*[8].

O tempo na psicanálise:

A escansão das sessões, sua frequência, a duração das análises se referem não à técnica, mas à ética que comanda a operação da transferência: *“relação essencialmente ligada ao tempo e ao seu manejo”*[9]. Em busca do tempo perdido, a análise pode proporcionar *“fazer-se ao ser”* sendo que por isso *“precisa tempo”* (*“à l'étant, faut le temps de se faire à l'être*[10]), isto é, o tempo de achar por ali seu sintoma (*sinthome*), *“pois é somente depois de um longo desvio que pode advir para o sujeito o saber de sua rejeição original”*[11].

A psicanálise no seu tempo:

Esses longos desvios não estão em alta na cotação do mercado de nosso tempo que se compraz em denegrir a psicanálise (Time is money). Todavia, esta resiste - ainda, sempre - ao avesso do plano capitalista. Isso não é uma razão para que os psicanalistas, mesmo tomando-a na contracorrente, não se envolvam com essa atualidade e seus excessos para, a partir do campo lacaniano, fazer subir na cotação o humano e sua letra.

Dominique Fingermann

Presidente do V Encontro da IF-EPFCL 2008.

As datas: 5 e 6 de julho de 2008

Local: São Paulo – Brasil – UNIP (Universidade Paulista)

A inscrição: 100 euros (até outubro de 2007) junto ao CRIF e às instâncias locais dos Fóruns.

A comissão científica:

Foi composta no sentido de permitir um equilíbrio e uma circulação entre as diferentes zonas, línguas, instâncias da IF e da Escola.

Ana Diaz Patron (Argentina- CRIF)

Angelia Teixeira (Brasil- CIOE)

Antonio Quinet (Diretor EPFCL-Brésil)

Colette Soler (França –CRIF)

Dominique Fingermann (Brasil – responsável pelo Encontro)

Luis Fernando Palacio (Colômbia – CRIF)

Lydia Gomez Musso (Espanha -CIOE)

Marc Strauss (França- CIOE)

Mario Binasco (Itália – CRIF)

Ramón Miralpeix (Espanha-CIOE)

Sonia Alberti (Brasil – CRIF)

Ela organizará a proposição de temas, a inscrição dos trabalhos, os *impromptus* (textos mensais curtos), a seleção dos trabalhos.

A divulgação: Uma primeira divulgação foi feita no fim de 2006 nos diversos países: *folders* e cartazes. É importante que desde já os delegados e outros responsáveis locais da IF-EPFCL

encarreguem-se da divulgação. Um CD-Rom com o cartaz-*banner* será enviado a quem solicitá-lo, fornecendo o endereço de expedição através do e-mail: 5encontrointernacional.if.epfcl@gmail.com

O volume preparatório: o CIOE já começou a elaborá-lo; ele será publicado nas 5 línguas a partir de setembro de 2007.

O site: www.campolacaniano.com.br/vencontroifepfcl está em construção. Vocês encontrarão nele as informações, a biblioteca sobre o tema do encontro, os textos e discussões sobre a Escola (passe e cartéis), as informações turísticas sobre São Paulo e o Brasil, hotéis.

As assembléias da IF e da Escola :

Quinta-feira, 04, à tarde: discussão sobre a experiência do passe na EPFCL

Segunda-feira, 07 e terça-feira, 08 de manhã : Assembléia da IF-EPFCL, discussões e votos.

A ordem do dia será precisada posteriormente pelos colegas internacionais (CRIF-CIOE-CIG).

O CAPA

ACAP-CL, Associação dos Centros de Acolhimento Psicanalítico do Campo Lacaniano, associação nacional francesa, presidida por Françoise Josselin, abriu seu primeiro centro, o CAPA. Este Centro de Acolhimento Psicanalítico para Adolescentes, dirigido por P. Barillot, recebe de modo benévolo desde 1º de setembro no local da rue d'Assas.

As jornadas daEPFCL-França

Com o tema: "A identidade em questão na psicanálise", elas acontecerão nos dias 1 e 2 de dezembro de 2007 em Paris, no Palais des Congrès, Porte Maillot.

Responsável pela organização: Françoise Josselin

Informações: 01 56 24 22 56

Wunsch é editado pelo CIOE :

M. Angeles Escudero Gomez

Lydia Gómez

R. Miralpeix

Marc Strauss

Angelia Teixeira

Jorge A Zanghellini

[1] N.de tr: *lame*: alma em francês.

[2] A palavra *desêtre*, em francês, faz homofonia com *désert*.

[3] Neologismo criado pela autora, possível na língua francesa.

[4] Sobreira, Sílvia: 2006, Seminário Espaço Escola. EPFCL – Fórum São Paulo

[5] Wunsch 4, Maio de 2006

[6] Nominé, Bernard . O passe e a análise finita, Buenos Aires, julho 2004. Tradução de Sílvia Sobreira.

[7] Lacan _ Função e campo da fala e da linguagem - p.290 Zahar

[8] Lacan – Les non dupes errent – p.20 Edition de l'ALI

[9] Lacan –Position de l'inconscient – Ecrits p.844

[10] Lacan – Radiofonia p 425 Outros escritos - Zahar

[11] Lacan – Séminário 9 “A identificação” edição do CEF p 194
